

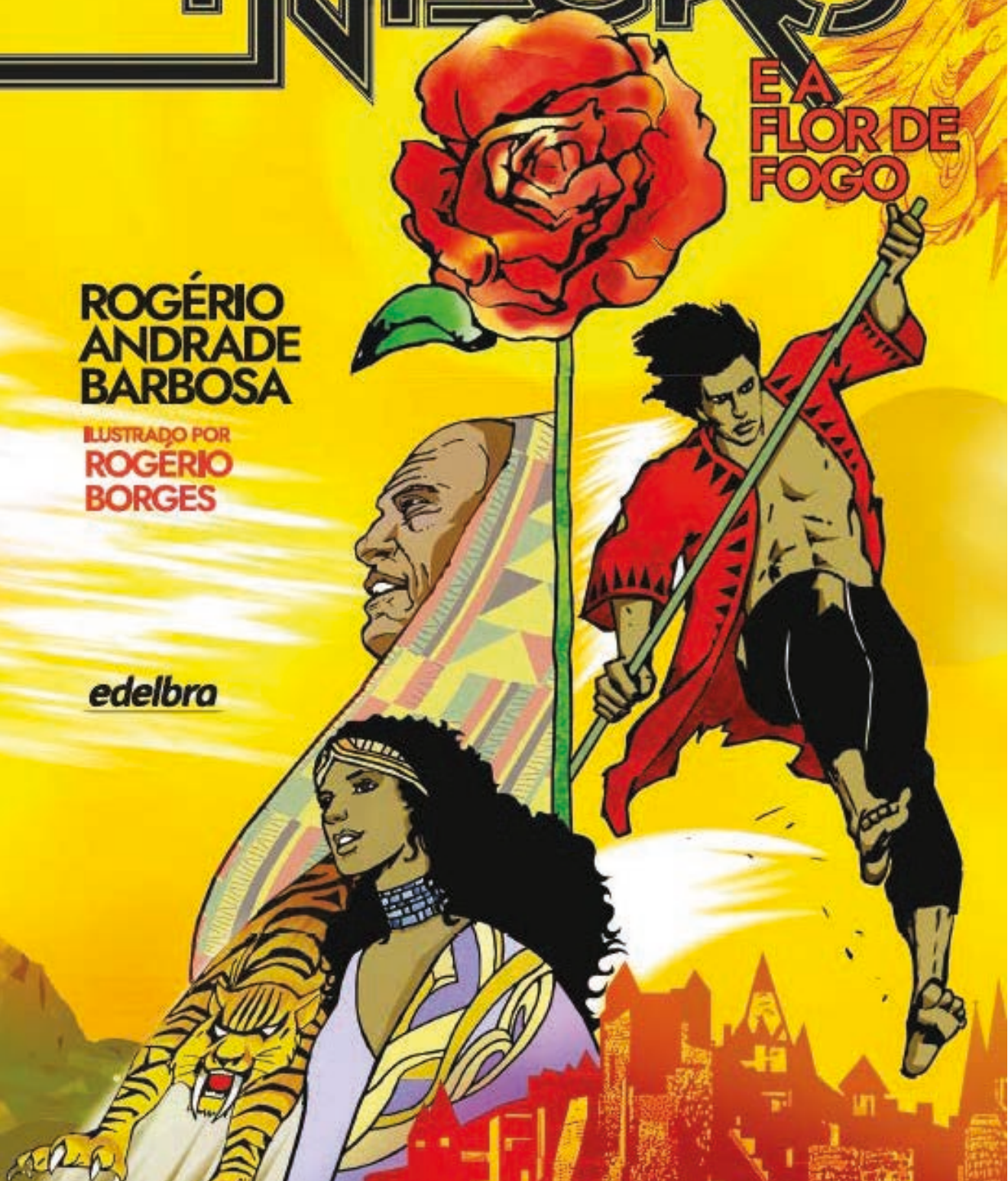
O PRÍNCIPE NEGRO

EA
FLOR DE
FOGO

ROGÉRIO
ANDRADE
BARBOSA

ILUSTRADO POR
ROGÉRIO
BORGES

edelbra



1ª EDIÇÃO, 1ª IMPRESSÃO, 2025

AUTOR
Rogério Andrade Barbosa

ILUSTRAÇÕES
Rogério Borges

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Luísa Fantinel

DIREÇÃO EDITORIAL
Alessandra De Lazzari

EDIÇÃO
Camila Garcia Kieling

REVISÃO
Ana Wehr e Rosana Maron

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Barbosa, Rogério Andrade
O príncipe negro e a flor de fogo / Rogério
Andrade Barbosa ; ilustração Rogério Borges. --
1. ed. -- Porto Alegre, RS : Edelbra, 2025.

ISBN 978-65-5750-146-7
1. Aventuras - Literatura infantojuvenil
2. Contos - Literatura infantojuvenil I. Borges,
Rogério. II. Título.

25-297819.0 CDD-028.5

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

edelbra

EDELBRA | WWW.EDELBRA.COM.BR
CENTRAL DE ATENDIMENTO | 51 2118 4404 |
CAE@EDELBRA.COM.BR

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

IMPRESSO NO BRASIL PELA EDELBRA INDÚSTRIA DE LIVROS LTDA.

SELO FSC

O PRÍNCIPE NEGRO

E A
FLOR DE
FOGO

**ROGÉRIO
ANDRADE
BARBOSA**
ILUSTRADO POR
**ROGÉRIO
BORGES**

edelbra

06	ZIMBA
12	O TIGRE DE DENTES-DE-SABRE
16	O GIGANTE DESCALÇO
20	O LABIRINTO DE CHAMAS
24	O PREDADOR DAS PROFUNDEZAS
28	O BLOCO DE GELO
32	NO REINO DOS HOMENS-FORMIGAS
36	O VAMPIRO VOADOR
40	AREIAS MOVEDIÇAS NEM SEMPRE SÃO O QUE PARECEM
44	O FOSSO DAS SERPENTES DE TRÊS CABEÇAS
48	A DEUSA DO SOL
54	REVELAÇÕES ASSUSTADORAS
59	UMA PROPOSTA TENTADORA
64	NA CRIPTA DO TERROR
68	A FLOR DE FOGO
73	O REGRESSO

Texto baseado em uma das muitas histórias criadas e contadas por meu pai, que, noite após noite, embalavam os meus sonhos. A ele, Osmar Barbosa, a minha saudosa homenagem. Pouco antes de falecer, ele, num esforço de memória, datilografou e sintetizou em uma lauda a sequência dos principais capítulos, plenos de aventuras eletrizantes, que ia improvisando até que eu adormecesse; e que agora tive o prazer de reescrever.



Em um ponto longínquo da Terra, numa época que nenhum historiador sabe datar ou localizar com exatidão, um povo negro e guerreiro habitava um extenso reino, famoso por suas construções de pedras.

Nessa região, rodeada por uma cadeia de montanhas gigantes, imperava Taona. Este chefe, idolatrado por seus súditos, havia estabelecido a paz entre os diversos clãs espalhados ao longo de um exuberante vale, dando fim a uma interminável série de conflitos.

O seu filho, um jovem alto, de complexão atlética invejável, foi treinado desde criança para assumir o trono. De acordo com seus mestres de artes marciais, não havia arqueiro, lanceiro ou espadachim igual a Tangor. Ele, mesmo de olhos vendados, conseguia acertar um alvo à grande distância, tal a sua destreza no manejo dos mais diversos tipos de armas.

— Tangor! — gritavam as garotas mais atrevidas ao vê-lo passar com o arco e as flechas às costas, na esperança de atrair os olhares do herdeiro real.

O caçador nem ligava. Seguia adiante

— Como ele é lindo — cochichavam elas entre si.

Era sempre assim. Não havia uma moça solteira que não fosse apaixonada por Tangor, o Príncipe Negro.

Doce ilusão. O coração do rapaz batia por Ranira, considerada a jovem mais bonita do reino. O andar e a pele sedosa da namorada, iguais aos de uma pantera, realçavam ainda mais a sua beleza.

Mas nem tudo era felicidade. O pai de Tangor, ao final da estação das chuvas, adoeceu gravemente. Nenhum médico, por mais afamado que fosse, conseguia curar o enfermo.

— Só a Flor de Fogo é que pode salvar o nosso rei — prognosticou o adivinho da corte, depois de passar uma noite inteira consultando os oráculos.

Essa planta de poderes mágicos era guardada no castelo de uma rainha chamada Deusa do Sol. Uma fortaleza inexpugnável, situada num território inóspito, protegida por obstáculos e armadilhas mortais.

Os conselheiros reais, ao fim de uma longa confabulação, deliberaram que, devido ao agravamento da saúde do soberano, teriam de escolher e enviar um mensageiro à morada da guardiã da Flor de Fogo o mais breve possível.

Naquela mesma noite, assim que a Lua despontou no céu, um grupo de homens selecionados a dedo posicionou-se em círculo na ampla praça central de Zimba, a Cidadela de Pedras, uma metrópole de largas ruas, ladeada por torres e muros construídos com imensos blocos de granito.

Os guerreiros escolhidos para participar do sorteio, entre eles Tangor, aguardavam com ansiedade o início da cerimônia. Ao soar de uma trombeta, o arqueiro mais velho da tropa surgiu envolto em um longo manto vermelho.

Em seguida, sob os olhares atentos da multidão que se aglomerara para assistir ao ritual, postou-se no centro da roda formada pela legião de combatentes.

O veterano soldado, em meio a um respeitoso silêncio, tirou uma flecha da aljava de couro e a colocou, em gestos lentos e estudados, no meio do arco que empunhava com a mão

esquerda. A seguir, retesou o cordame e arremessou a seta emplumada para o alto. Após alcançar uma grande altura, a flecha descreveu uma curva descendente no céu estrelado. Ao cair, fincou-se aos pés de Tangor. Caberia a ele, o filho do adoentado soberano, a missão de partir em busca da miraculosa Flor de Fogo.

A mãe do rapaz, apreensiva com o destino do filho, não conseguia parar de retorcer as mãos nervosamente. O seu único consolo era saber que o jovem herdeiro se arriscaria para salvar a vida do pai.

— Não se preocupe. Eu voltarei com a Flor de Fogo — prometeu Tangor, dando-lhe um abraço apertado.

Ranira, inconsolável, despediu-se carinhosamente também do namorado.

— Volte logo, querido. Vou sentir muito a sua falta — disse a moça, cobrindo-o de beijos.

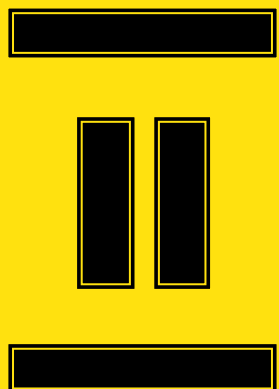
— Eu também — respondeu ele, desprendendo-se dos braços da amada.

O tempo urgia. Por isso, antes mesmo do dia raiar, ele partiu com a aljava de flechas e um laço de cordas pendurado nos ombros. Em uma das mãos, carregava o arco e, na outra, a pesada lança de ferro. À cintura, a faca preferida. E nada mais.

Sabia, conforme lhe confidenciara o adivinho da corte, que teria de empenhar toda a sua força e coragem para vencer os obstáculos que o aguardavam.

— São dez ao todo — informara o detentor de conhecimentos extraordinários. — Cada um mais perigoso do que o outro.





**OTIGRE DE
DENTES-DE-SABRE**



O herdeiro real caminhou a madrugada inteira num ritmo acelerado. Só parou para descansar quando o sol estava prestes a nascer. As montanhas em torno de Zimba, notou, haviam ficado para trás em meio às primeiras luzes do amanhecer. À sua frente, para onde quer que ele olhasse, uma savana pontilhada por arbustos ressequidos estendia-se pela vasta amplidão. A partir daquele trecho, num território desconhecido, começava a sua jornada de verdade.

Nisso, um rugido ecoou no ar. Não tardou para que um animal maior do que um leão, com listas negras espalhadas pelo corpo de tom dourado, surgisse lentamente entre o matagal. O carniceiro, de presas longas e recurvas iguais às de um elefante, estancou a poucos metros de Tangor. A cauda em riste, imóvel, era prova de que estava pronto para atacar.

Sem tirar os olhos do animal, o jovem guerreiro apoiou o cabo da lança no chão. E, ajoelhado ao lado da arma, permaneceu à espera do bote, aguardando a hora certa para erguer a ponta afiada. O felino, de repente, sem soltar um rosnado sequer, disparou em direção ao que supunha ser uma frágil presa. Quando a nuvem de pó levantada pelas patas do animal dissipou-se, a fera estrebuchava no solo. O corpo trespassado pela lâmina pontiaguda contra a qual se jogara.

O primeiro obstáculo fora vencido. Faltavam nove.



O GIGANTE DESCALÇO

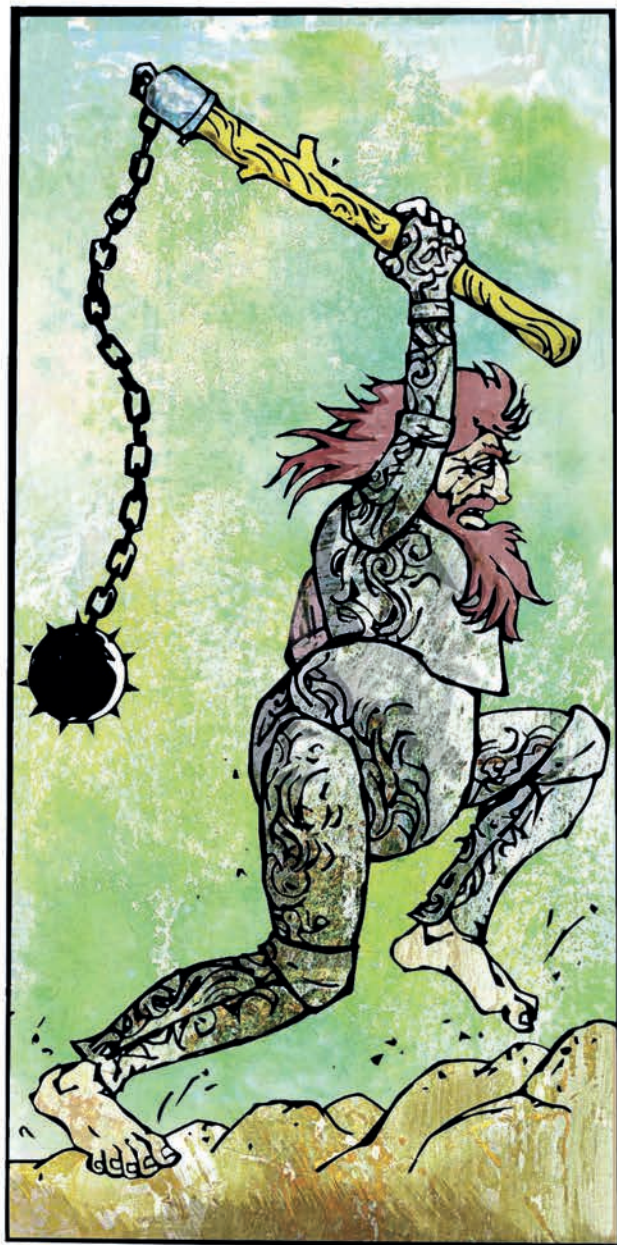
Tangor, assim que se recuperou da luta contra o felino de dentes-de-sabre, tornou a caminhar. Horas depois, ao sair de uma floresta pontilhada de pinheiros, ouviu um som seco e ritmado que lembrava as patas de um elefante socando o chão.

As passadas retumbantes não pertenciam a um animal, mas, sim, a um homem de pele clara com mais de dois metros de altura, cabelos e barba desgrenhados, trajando uma pesada armadura.

A gigantesca figura, com olhos que pareciam duas tochas de fogo, vinda não se sabe de onde, aparecera como num passe de mágica à frente de Tangor. Em uma das manoplas, trazia um porrete com uma bola de ferro presa por uma corrente. E pelo jeito como partiu para cima do jovem guerreiro, expelindo um vapor quente por suas narinas, não tinha boas intenções.

Tangor não se intimidou. Sacou e desferiu, sem pestanejar, uma série de flechadas no peito do rival. Foi como se ele tivesse alvejado um muro de pedras. As pontas das flechas, forjadas pelos melhores ferreiros da corte, despedaçaram-se uma após outra contra o elmo e as placas de aço usadas por seu agressor.

Foi aí que ele observou que o grandalhão estava descalço. Sapateiro algum fora capaz de construir um par de botas que coubesse em pés tão grandes.



O colossal oponente, devido ao peso da vestimenta, avançava passo a passo, ginchando o corpanzil de modo desajeitado. Tangor, mudando de tática, mirou nos pezões do gigante. Este, ao ter seu ponto fraco atingido, tombou feito uma árvore abatida a machadadas.

Enquanto o barbudo se contorcia de dor, o arqueiro saltou sobre o corpo estendido no chão, deixando o segundo obstáculo para trás.

Anoitecia quando ele parou para comer. Esfomeado, caçou um coelho e assou-o com pelo e tudo numa fogueira improvisada. Por sorte, o tempo estava firme, senão teria sido difícil atear fogo nos gravetos, batendo duas pedras pequenas uma contra a outra. Depois, extenuado, estirou-se no solo coberto por uma rala camada de grama e caiu em um sono profundo.

ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

é escritor, palestrante, dinamizador de oficinas, contador de histórias e professor universitário de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Tem dedicado boa parte de sua carreira literária ao estudo da literatura oral do continente africano – sempre apoiado em sua experiência como docente voluntário da ONU em Guiné-Bissau e nas constantes pesquisas e recolhas de contos tradicionais em vários países da África. No decorrer de 35 anos como autor de Literatura Infantil e Juvenil, publicou mais de 100 livros. Alguns deles foram traduzidos e editados na Alemanha, Espanha, Dinamarca, Suécia, Estados Unidos, México, Argentina, Colômbia, Haiti e Gana. Entre os vários prêmios que recebeu, destaca-se o da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2005, pelo conjunto de sua obra. Pela Edelbra, publicou *As três tarefas* – reconto nigeriano – e *A galinha vaidosa e o crocodilo comilão* – conto popular da Libéria.

Com um traço que mistura as linguagens de HQs, games e mangás, **Rogério Borges** assina as ilustrações de *O Príncipe Negro*. A inspiração para a obra veio de sua admiração pela África, seus mistérios e ancestralidade. A oportunidade de dar vida a um herói negro foi um estímulo adicional, contribuindo para a representatividade na literatura. Formado em Comunicação Visual pela FAAP, colaborou com grandes editoras e ilustrou mais de 80 capas para revistas. Desde os anos 1980, dedica-se também à pintura, com exposições no Brasil e em cidades como Frankfurt, Bolonha e Roma. Sua premiada trajetória inclui reconhecimentos da APCA, FNLIJ (Selo Altamente Recomendável e Melhor Ilustração), um prêmio Jabuti de Ilustração e o Unesco Prize for Children's and Young People's Literature, além de participação em catálogos internacionais como o White Ravens.

ROGÉRIO BORGES

TANGOR, FILHO DO IMPERADOR TAONA, PRECISA DA FLOR DE FOGO PARA SALVAR A VIDA DE SEU PAI.

Essa planta de poderes mágicos é guardada no castelo de uma rainha chamada Deusa do Sol: uma fortaleza inconquistável, situada num território inóspito, protegida por armadilhas mortais. Para cumprir tal tarefa, o Príncipe Negro enfrentará dez obstáculos, incluindo feras, ambientes hostis, seres fantásticos e assustadores. Será que Tangor conseguirá retornar à cidadela de pedra?

ISBN 978-65-5750-146-7



9 786557 501467

edelbra